

O PROTAGONISMO NEGRO EM CONTOS DE FADAS: PROMOVENDO A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE E O IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS

Naliana Hidalgo Casilima¹

Jocicleia Souza Printes²

RESUMO

O presente artigo aborda a importância do protagonismo negro em obras de literatura infantil, especificamente em releituras de contos de fadas. Teve por objetivo geral analisar as estratégias narrativas e estéticas empregadas em obras de literatura infantil que reestruturam contos de fadas, identificando como o protagonismo negro é construído para transformar o imaginário e promover uma representatividade positiva. Para dar ênfase a esse objetivo, destacamos como objetivos específicos: identificar as principais obras da literatura infantil contemporânea que apresentam personagens negros como protagonistas centrais em releituras de contos de fadas para fazer mediação e trazer a participação das crianças, e examinar os elementos textuais e ilustrações, para assim discutir a relação entre a cultura afro-brasileira/africana e a estrutura do conto de fadas, verificando a incorporação de símbolos ou estéticas não-eurocêntricas. Tratou-se de uma pesquisa de campo qualitativa, realizada na Escola Municipal José Carlos Mestrinho (Anexo Madureira), com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, onde foi apresentando as releituras de contos de fadas com protagonistas negros, dos autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, publicado pela editora Mazza, especializada em temática étnico-racial. Foram realizados cinco encontros para a mediação dos livros, seguidos de propostas baseadas nas narrativas. Os resultados partem da observação de como o papel do professor como mediador é vital, embora a presença dessas obras seja escassa no cotidiano escolar. O estudo conclui que a inserção de personagens negros em contos de fadas é um caminho eficaz para uma educação antirracista e de promoção do respeito. A representação positiva das personagens atua no combate ao preconceito e na ampliação do repertório cultural das crianças, permitindo que elas tenham empatia e se sintam protagonistas de suas próprias histórias. Neste conteúdo, a literatura atua como um espelho e uma janela, permitindo que a criança se veja representada em posições de beleza e poder.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Mediação Literária. O Protagonismo Negro.

RESUMEN

Este artículo aborda la importancia del protagonismo negro en la literatura infantil, específicamente en las reinterpretaciones de cuentos de hadas. Su objetivo general fue analizar las estrategias narrativas y estéticas empleadas en la literatura infantil que reestructura los cuentos de hadas, identificando cómo se construye el protagonismo negro para transformar el imaginario y promover una representación positiva. Para enfatizar este objetivo, destacamos los siguientes objetivos específicos: identificar las principales obras de literatura infantil contemporánea que presentan personajes negros como protagonistas centrales en reinterpretaciones de cuentos de hadas para mediar y fomentar la participación infantil, y examinar los elementos textuales e ilustraciones para analizar la relación entre la cultura

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Contato nhc.ped22@uea.edu.br

² Professora Adjunta do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Contato jprintes@uea.edu.br

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE PEDAGOGIA
9º PERÍODO – MATUTINO – TURMA PM118_ B01

ATA DO SEMINÁRIO DE SOCIALIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Aos nove dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e seis (2026), precisamente às 18 horas, no auditório no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, localizado à Avenida da Amizade, 74, Centro, no município de Tabatinga/Am, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico - Regulamento do TCC (Curso de Pedagogia), Art. 16º. "Os Seminários de Socialização são de caráter público", reuniram-se os acadêmicos do Curso de Pedagogia – 9º período- vespertino, turma PM18_ B01, para o **Seminário de Socialização da Monografia – TCC** intitulado "O protagonismo negro em contos de fada: promovendo a importância da representatividade e o imaginário das crianças" elaborado por Naliana Hidalgo Casilima, sob a orientação da ProfªDrª Jocicleia Souza Printes (presidente da banca), o qual foi avaliado pelos professores: **Profª. Iria da Costa Oliveira (Av. 1)** **Profª. Rafaela Cristo do Carmo (Av.2)** que fazem parte da comissão de avaliação conforme composição transcrita abaixo, bem como a avaliação final da apresentação.

ACADÊMICA	NOTAS DOS AVALIADORES		
	Aval. 1	Aval. 2	Nota final
NALIANA HIDAIGO CASILIMA	9,5	9,5	9,5

Naliana Hidalgo Casilima

Naliana Hidalgo Casilima
Acadêmica

Iria da Costa de Oliveira

Avaliador- 1 **Profª. Iria da Costa Oliveira**

Rafaela Cristo do Carmo

Avaliador – 2 **Prof.ª Rafaela Cristo do Carmo**

Tabatinga, 09 de junho de 2026

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga

Universidade do Estado do Amazonas
Av. da Amizade, 74, Centro
Cep: 69.640-000 / Tabatinga - AM



afrobrasileña/africana y la estructura del cuento de hadas, verificando la incorporación de símbolos o estéticas no eurocéntricas. Este fue un estudio de investigación de campo cualitativo realizado en la Escuela Municipal José Carlos Mestrinho (Anexo Madureira) con niños de tercer grado de primaria. El estudio presentó reinterpretaciones de cuentos de hadas con protagonistas negros, de los autores Cristina Agostinho y Ronaldo Simões Coelho, publicadas por la editora Mazza, especializada en temas étnico-raciales. Se realizaron cinco encuentros para facilitar la lectura de los libros, seguidas de actividades basadas en las narrativas. Los resultados resaltan el papel fundamental del docente como mediador, a pesar de la escasez de estas obras en la rutina escolar diaria. El estudio concluye que la inclusión de personajes negros en los cuentos de hadas es una vía eficaz hacia la educación antirracista y la promoción del respeto. La representación positiva de estos personajes combate los prejuicios y amplía el repertorio cultural de los niños, permitiéndoles empatizar y sentirse protagonistas de sus propias historias. En este contexto, la literatura actúa como un espejo y una ventana, permitiendo a los niños verse representados en posiciones de belleza y poder.

Palabras clave: Literatura Infantil. Mediación Literaria. El Protagonismo Negro.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema do presente artigo surge da percepção da falta de representação negra positiva e centralizada na literatura infantil, especialmente nos contos de fadas tradicionais. Observamos que, historicamente, os personagens negros foram frequentemente marginalizados, estereotipados ou invisibilizados nessas narrativas que desempenham um papel crucial na formação da identidade, do imaginário e na receptividade das crianças. Acreditamos ser fundamental investigar como as novas produções literárias têm alterado essas estruturas, permitindo a ampliação das referências das crianças, para que assim, se vejam representadas e refletidas em posições de poder e beleza.

O tema é importante porque tem sua relevância social e pedagógica. A literatura infantil não deve ser vista apenas entretenimento; ela é um espelho e uma janela. Quando uma criança negra não se vê nas histórias lidas, sua autoestima e senso de pertencimento podem ser afetados, trazendo pra ela uma dificuldade em também recepcionar de forma integral as histórias.

As obras de literatura infantil que inserem o protagonismo negro em livros de contos de fadas demonstram uma ruptura intencional com o modelo heroico eurocêntrico, utilizando elementos culturais afro-brasileiros ou africanos para enriquecer a narrativa. A representação negra nessas obras tende a ser mais complexa e multifacetada do que as representações históricas e estereotipadas, atuando na valorização da identidade e da autoestima não só das crianças negras leitoras, mas para todas as crianças que não tem contato com essa literatura negra.

Analisando como a falta de representatividade ainda é pouca, a situação-problema que norteia esta pesquisa é: de que maneira a reestruturação dos contos de fadas tradicionais, por meio da inserção de protagonistas negros, atua na desconstrução de padrões estéticos e narrativos eurocêntricos e na promoção de uma representatividade negra positiva e centralizada na literatura infantil contemporânea?

Este artigo tem como objetivo geral analisar as estratégias narrativas e estéticas empregadas em obras de literatura infantil que reestruturam contos de fadas, identificando como o protagonismo negro é construído para transformar o imaginário e promover uma representatividade positiva. Para dar ênfase a esse objetivo, destacamos como objetivos específicos: 1) identificar as principais obras da literatura infantil contemporânea que apresentam personagens negros como protagonistas centrais em releituras de contos de fadas para fazer mediação e trazer a participação das crianças, e 2) examinar os elementos textuais e ilustrações, para assim discutir a relação entre a cultura afro-brasileira/africana e a estrutura do conto de fadas, verificando a incorporação de símbolos ou estéticas não-eurocêntricas.

A técnica de pesquisa utilizada foi qualitativa, focando primeiro em levantamento bibliográfico sobre as temáticas, posteriormente seguido por uma curadoria cuidadosa de cinco livros de obras de literatura infantil focados em contos de fadas com protagonismo negro, que são: Cinderela e Chico Rei, Chapeuzinho Vermelho e o Boto-cor-de-rosa, A Pequena Sereia, Joãozinho e Maria e Rapunzel e o Quibungo, adaptações dos autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho.

A metodologia adotada foi a realização de uma pesquisa de campo na Escola Municipal José Carlos Mestrinho – Anexo Madureira, com as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental. Para a execução da pesquisa, realizamos cinco encontros com as crianças para a mediação dos livros selecionados. As histórias narradas são cheias de magia, heróis, heroínas e tradições que ressaltam a cultura e a história dos povos negros, tanto do Brasil quanto da África, destacando a valorização cultural regional e local e da fauna e flora brasileira. Ao final de cada mediação, propomos uma atividade relacionada com cada livro. Assim, as crianças se mostraram criativas, imaginativas e representadas pelos livros que foram suas inspirações. A leitura de um conto de fadas com personagens negras inicia uma experiência estética diferente na relação das crianças com as histórias de origem europeia, onde os protagonistas são quase sempre, pessoas brancas. As atividades subsequentes são a forma como a criança responde a essa experiência.

Para a elaboração do referencial teórico, foram propostas três seções, tais como: Literatura Infantil, Mediação Literária e O protagonismo negro em contos de fadas. De início,

a pesquisa focou na busca por referências sobre a importância da Literatura Infantil. Essa verificação influencia as seções seguintes, o que nos trazem reflexões relevantes embasadas nos autores estudados.

LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil é um gênero literário focado especialmente para as crianças. Além de desenvolver a criação, a imaginação e a expressividade, também contribui para que conheçam o mundo em que vivem e desenvolvam a capacidade crítica. As obras infantis ajudam a estruturar o pensamento, colocando as crianças em contato com problemas protagonizados por outras crianças, animais ou seres fantásticos, fazendo com que elas possam se identificar.

Os livros apresentam inúmeros problemas de realidade ou fantasia, dando a oportunidade de a criança vivenciar, no campo da imaginação, a experiência das situações e os afetos mobilizados, o que ajuda a encontrar solução para os problemas reais que enfrenta, na busca de possíveis soluções, tomada de decisões e avaliação do ocorrido. Carvalho (1982, p. 48) afirma que, “a literatura infantil é todo o acervo literário eleito pela criança: tudo aquilo que, depois de sua aceitação, se fixou e se imortalizou através dela”, ou seja, o que transforma uma obra em literatura infantil é a eleição da criança, e não apenas a intenção do autor.

A literatura voltada para o público infantil é essencial para a ampliação de repertórios, o amadurecimento emocional, social e intelectual. Lima e Azevedo (2025) destacam que isso ocorre porque, através das narrativas, as crianças conseguem traduzir e compreender melhor seus próprios sentimentos e sua relação com o ambiente em que vivem, e o lar funciona como o primeiro ambiente importante que esse amadurecimento surge, quando há pessoas que aproximam as crianças e os livros.

Segundo Souza, Andrade e Pereira (2022), a presença da literatura infantil está inserida em espaços formais ou não formais e a escola tem sua importância para esse consumo, pois é um local privilegiado de acesso às linguagens mais desenvolvidas pela humanidade e é onde o professor pode utilizar a literatura em diversas atividades prazerosas e educativas.

A importância dos lugares e as formas como a literatura está inserida também influencia essa relação. É importante que criança não se sinta forçada a pegar um livro, mas sinta desejo, curiosidade. Quando não se obtém o esperado, a frustração é instantânea, “porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela” (Pennac, 1993, p. 144).

É importante destacar que, a literatura nem sempre foi pensada para as crianças. Foram muitos acontecimentos até poder ser, de fato, o que ela é hoje. Ela não era vista como algo prioritário porque a ideia de infância como concebemos hoje não era compreendida assim pelos adultos até meados do século XVII.

Segundo Bataus (2013), não havia uma preocupação em abordar aspectos importantes da infância, porque elas não eram vistas como seres distintos; eram, na verdade, considerados “adultos em miniatura”. Por isso, ouvir as mesmas histórias que os adultos contavam era praticamente normal. Naquela época, a própria ideia de “criança” como a conhecemos hoje não existia. Não havia um olhar específico para a infância, e os cuidados que recebiam não eram adaptados à sua idade. Dessa forma, elas “[...] participavam das atividades dos adultos sem nenhuma diferenciação, estavam presentes em tudo o que era relevante apenas ao adulto, não recebiam uma atenção particular e havia alta taxa de mortalidade infantil” (Bataus, 2013, p. 97).

A consciência generalizada sobre a necessidade de criar um conteúdo literário adaptado para a idade e a compreensão das crianças era inexistente. As histórias que escutavam eram as mesmas que circulavam entre os adultos, algo muito normal dessa época. Muitas vezes, os relatos orais sem filtro eram compartilhados, cujo propósito principal era a educação moral e a transmissão de valores e não o entendimento lúdico adaptado ao desenvolvimento infantil.

A literatura infantil só se transformou, de fato, no século XVIII, quando o olhar e as preocupações se voltam para as crianças. Ela “[...] passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria)” (Lajolo, 1982, p. 17). A literatura infantil se consolida como uma transformação social ocasionada por esse contexto, surgindo a necessidade de uma literatura que possa expandir na formação da criança um ser indivíduo com emoções, crítico e atento com o mundo ao seu redor. À medida que essa nova estrutura social se consolidava, os livros voltados para o público infantil passaram a ocupar um papel cada vez mais central e relevante.

Freire (2000) aponta que, antes da escrita de um livro, a criança lê o mundo, ou seja, através das suas percepções e o ambiente ao seu redor. Elas desenvolvem essa leitura e são incentivadas não só para escrita, mas igualmente para as imagens, algo que transcendem o seu imaginativo, a percepção e recepção com as diversas histórias. Quando a história dialoga com a realidade da criança, entendemos como é importante inseri-las na literatura, deixando-as livres de buscar histórias que elas possam ter domínio da capacidade crítica e de criar soluções.

Ampliando esse contexto, o papel das imagens nos livros de literatura é também a língua do imaginário, que dá as crianças liberdade de contar histórias por meio de suas percepções. Nunes e Gomes (2014, p. 1) destacam que, “a leitura não está presa apenas às palavras, mas que é um processo de compreensão abrangente destas e das imagens”. Essa Literatura Infantil, sendo escrita e ilustrativa, é vista como um vasto e fascinante universo desenvolvido para mostrar a arte de diversas histórias, poemas, contos e fábulas, o que fazem com que as crianças explorem os mundos mágicos, conheçam sobre diversas culturas, desenvolvam empatia por personagens com diferentes realidades e estimulem a criatividade para assim, contar suas próprias histórias.

Incentivar a leitura para as crianças desde casa é fundamental para o enriquecimento cultural, emocional e cognitivo. O consumo da literatura enriquece o repertório não só das crianças, mas dos adolescentes e até mesmo dos adultos. A ampliação da diversidade literária amplia as percepções de cada leitor e amplia também o nosso olhar. Por isso, precisamos estar atentos para diversidade dos acervos oferecidos às crianças.

MEDIAÇÃO LITERÁRIA

A mediação literária ocorre quando um adulto cria uma conexão entre a criança e o texto. Não é apenas ler uma história do começo ao fim, é escutar e provocar uma conversa que ajude a criança a construir um sentido a partir da leitura. Na prática, a mediação literária pode ser bem simples. Antes da leitura, perguntamos o que título do livro, a capa e as informações que esses elementos trazem desperta nas crianças. Durante a leitura, podemos ouvir hipóteses e impressões e depois, convidamos cada uma delas a relacionar-se com a história da sua própria vida, com sentimentos e com suas próprias experiências. Essas pequenas ações transformam a leitura em um momento muito especial de diálogo e de envolvimento.

É essencial que a leitura transcenda o imaginário das crianças, onde a imaginação é um elemento central, que de acordo com Reyes (2010), permite a elas de ter a possibilidade de vivenciar outras identidades, ampliando horizontes através do sonho e das palavras para explorar novas realidades e, por fim, compreender melhor a si mesmas.

Como afirma Anaya (2020), a prática de mediar no campo da literatura é algo ancestral e universal, presente em todas as sociedades e grupos, independentemente de possuírem escrita ou não. O mediador literário não necessariamente precisa ser um professor, pode ser um familiar, colegas de escola ou um grupo de pessoas que tenham a prática de narrar histórias.

Nesse contexto, a casa funcionaria como o primeiro e mais potente espaço de formação de leitores, pois é nesse ambiente que se estabelecem as primeiras e mais duradouras ligações afetivas com o universo da leitura.

A família tem se revelado um mediador de grande impacto, pois as primeiras experiências com a leitura, como as contações de histórias na infância, realizadas pelos pais ou familiares, são carregadas de marcas afetivas positivas, constituindo-se em lembranças significativas para o indivíduo. Tais lembranças, ao longo da vida, dão sustentação ao vínculo do sujeito com a leitura. É, ainda, no ambiente familiar que o indivíduo é iniciado nos hábitos de consumo da leitura e estabelece um diálogo com a cultura escrita, na medida em que a leitura se insere na vida familiar como prática social. Os pais ou responsáveis, ao compartilharem a leitura com seus filhos desde pequenos, proporcionam-lhes a experiência da mediação, o que contribui para a formação do sujeito leitor, pois a mediação está intimamente ligada à construção da identidade leitora, na medida em que está se fundamenta nas interações com o outro. (Orlando; Leite, 2018, p. 518).

Esta interação feita desde cedo associa a leitura com emoções positivas, complementando as bases para um amor durador pelos livros e fomentando o diálogo e o pensamento crítico desde a primeira infância.

No âmbito escolar, a mediação literária adquire uma estrutura ainda mais vital. Os professores, atuando como medidores, criando efetivamente um ambiente acolhedor e respeitoso, abrem as portas a uma vasta diversidade de gêneros e autores que talvez sejam pouco conhecidos, guiando as crianças através de histórias complexas, desenvolvendo as habilidades de compreensão profunda e análise crítica. Assim, “o livro na escola deve ser um objeto de prazer, de fruição, de conhecimento, de sensibilidade e de imaginação. É preciso que se invista na qualidade da mediação [...]” (Zilberman, 2003, p. 11).

As salas de aulas e bibliotecas se transformam em espaços para construir comunidades leitoras, promovendo debates e atividades que socializem ao desfrutar da literatura. A construção de um espaço “[...] democrático e empático, para que as crianças (leitoras) expressem sua maneira de ver o texto e os sentidos que conseguiram produzir” (Silva, 2003, p. 44), é essencial, tornando a escola um local em que as crianças possam estabelecer novas maneiras de expressarem suas opiniões e que também adquiram o conhecimento sobre as opiniões divergentes às deles, porque “[...] é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação dos horizontes de leitura” (Cosson, 2006, p. 35).

Outros ambientes não podem ficar de fora da mediação. Deve-se e pode-se dar destaque aos espaços públicos, como as praças, calçadas, feiras e até mesmo em aeroportos; espaços esses que muitas crianças transitam. Estes espaços complementam a iniciativa vinda do lar e da

escola com atividades lúdicas, ampliando encontros de mediadores que possam conectar as crianças com a literatura. As consequências que se tem ao fazer mediação nesses ambientes de passeios e encontros, apresentando os variados gêneros de literatura infantil, é, na maioria das vezes, o desejo e crescimento ainda mais do hábito da leitura.

Esses encontros para a mediação dos livros não só transcende a simples atividade de ler em voz alta; é um ato fundamental de criar comunidade e nutrir o vínculo essencial entre a criança, o livro e o mediador. Esses momentos são intencionalmente construídos como espaços de afeto e diálogo, onde o livro não é apenas um objeto de estudo, mas um convite à fruição e à partilha, promovendo a cultura, criatividade, inclusão social e enriquecendo a vida não só das crianças, mas também da comunidade, com o poder transformador da leitura. Anaya (2020) destaca, que o ato de mediar a leitura prioriza o indivíduo e sua realidade social, em vez de focar apenas no patrimônio literário.

Apresentar os contos de fadas oportuniza à criança uma relação entre a história e a realidade contemporânea da criança, permitindo que os valores de generosidade, justiça, perseverança e autoconhecimento se tornem claros e aplicáveis. Os contos causam encanto no ouvinte e fazem com que possa superar as adversidades da vida real, pois oferecem contato com situações que fazem parte da vida, como medo, abandono, morte e perdas, como nos explicam Bettelheim (1980).

É verdade que, a um nível inicial, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida da sociedade moderna de massas; estes contos foram criados muito antes desta sociedade aparecer. Mas podemos aprender mais coisas com estes contos – sobre os problemas interiores dos seres humanos e as soluções acertadas para as suas exigências, do que em qualquer outro tipo de história que esteja dentro do âmbito da compreensão das crianças (Bettelheim, 1980, p. 1).

A mediação não só aos contos de fadas, mas a todos os gêneros existentes na literatura infantil contribui para a formação do imaginário das crianças. O mediador, ao ler e conversar sobre as histórias, ajuda a nomear o indizível, validando sentimentos difíceis, compartilhando realidades e mostrando que isso faz parte da jornada de crescimento, o que fortalece a resiliência e o desenvolvimento psíquico. Petit (2009) afirma que, a mediação deve ser acompanhada de uma pedagogia que valorize o intercâmbio, pois a leitura adota, muito concretamente, as conversas em torno dos livros, diversas maneiras da sociabilidade e de partilhas.

O PROTAGONISMO NEGRO EM CONTOS DE FADAS

O conto de fadas é um clássico atemporal que atravessa os séculos no repertório literário. Transmitido pela oralidade ou pelo formato escrito, ele jamais perde seu encanto e magia. De acordo com Coelho (2008), os contos são gêneros literários narrativos de origem longínqua, numa época em que se ouvia, ao redor de uma fogueira, histórias sobre caçadas, viagens, acontecimentos, ou seja, narrativas contadas de boca a boca.

Hoje, essa narrativa segue presente na formação literária, cativando igualmente adultos e crianças. Kielb e Silva (2023) afirmam que, os contos de fadas são fundamentais na formação de crianças e jovens, ajudando-os a se tornarem indivíduos conscientes e cidadãos ativos. Ao equilibrar fantasia e realidade, essas narrativas promovem o amadurecimento intelectual e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Dutra e Debus (2019) destacam que, os contos de fadas tradicionais trazem, em sua maioria, personagens brancas oriundas da cultura europeia. Isso ficou impregnado por muito tempo, com as crianças reconhecendo e imediatamente associando os personagens a um só padrão. Desse jeito:

[...] Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho são todas personagens clássicas, brancas, muito conhecidas, e acabam por conferir na menina padrões de comportamento e de beleza já estabelecidos. Nesse contexto em que a literatura é um fator essencial na construção da identidade individual, cultural e étnica, destacamos a importância das releituras dos contos tradicionais. (Dutra; Debus, 2019, p. 74)

Lobato e Santos (2012) ressaltam que, durante muito tempo, era raro ver crianças negras como as grandes estrelas dos livros infantis brasileiros e, infelizmente, quando apareciam, raramente eram mostradas de um jeito inspirador ou positivo. Não havia valorização nas histórias, memórias, culturas e belezas, significando que esses personagens eram inseridos em papéis secundários.

Arboleya (2013) declara que, “a literatura infantil se apresenta como uma perspectiva instigante junto à necessidade de reformulação dos padrões ideológicos”. A relevância se amplifica quando olhamos para os contos de fadas negros ou de matrizes africanas e afro-brasileiras, que por muito tempo foram marginalizados na educação formal. Dessa forma, fica evidente que os contos de fadas modernos não são entretenimento, mas bens culturais indispensáveis para a desconstrução de padrões tradicionais e, sobretudo, para o combate efetivo ao racismo.

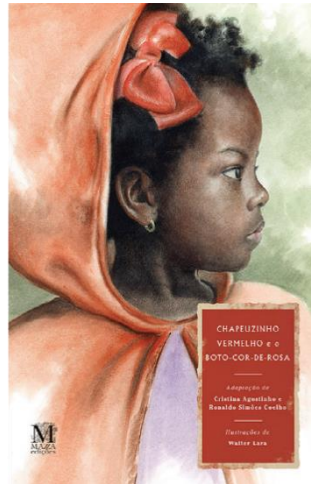
A inserção de personagens negros nas narrativas de contos de fadas traz uma mudança, sendo primeiramente como as crianças podem ser representadas, imaginativas e receptivas, destacando elementos essenciais sobre a cultura africana, afro-brasileira, da cultura regional e local, e da fauna e flora brasileira. Dutra e Debus (2019) destacam que, a evolução na forma como o negro é representado na literatura infantil não foi um processo fácil; ela foi fruto de intensas mobilizações e batalhas travadas pelo movimento negro em diversos campos da sociedade.

Abordar o protagonismo negro em escolas tem se visto urgente, mesmo depois de mais de duas décadas da implementação da Lei 10.639/2003. Ampliar o acervo literário de autoria e protagonismo negro é uma das frentes que contribui para esse debate. Quando a escola tende a fazer essa abordagem, abre-se um espaço de desconstrução de estereótipos que incentivam a criação de indivíduos críticos. A criança pequena já é capaz de desenvolver a capacidade de criar imagens mentais da realidade do mundo, por isso, é fundamental que ela se reconheça e se identifique com essas representações.

É importante trazer a representação para as crianças negras no âmbito familiar, escolar ou em qualquer lugar social. Ao normalizar a diversidade de etnias nas posições de poder e encanto, as histórias ampliam a visão de mundo dos leitores. Elas ensinam o respeito e a valorização da cultura afro-brasileira e africana, desmantelando preconceitos e estereótipos desde a primeira infância. Dutra e Debus (2019, p. 75) afirmam que, “o ambiente escolar deve proporcionar um lugar que favorece o respeito ao próximo, às suas diferenças, e ainda poder discutir sobre elas sem medo ou constrangimento.”

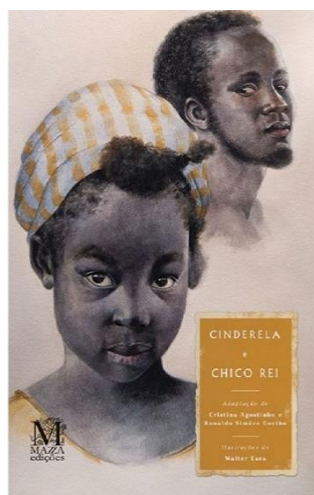
A partir dessa perspectiva, analisamos as interpretações decoloniais das obras clássicas *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *Rapunzel*, *A Pequena Sereia* e *João e Maria*, as quais os autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, com ilustrações de Walter Lara, e publicadas pelas Mazza Edições, reescreveram e adaptaram com personagens negros, rompendo aquele modelo tradicional de histórias infantis que se repete há séculos, desafiando a forma como essas narrativas moldam o que as crianças imaginam e acreditam. A seguir, apresentamos uma síntese de cada história:

Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa



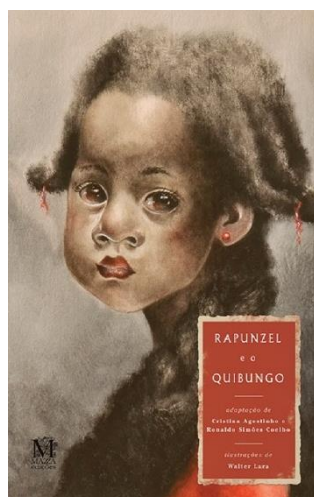
Nessa releitura encantadora, o clássico de Charles Perrault (1628-1703) ganha o perfume e as cores da Amazônia. A pequena Chapeuzinho vive em palafitas às margens do Rio Negro e enviada pela sua mãe, leva consigo tacacá e frutas como tucumã e abiu para fortalecer a vovó. O grande perigo aqui não é um lobo, mas o Boto-cor-de-rosa, figura lendária da nossa fauna. Entre macacos e igarapés, a história termina com um final feliz graças à ajuda de um pescador local.

Cinderela e Chico Rei



Na história Cinderela, a versão conhecida é atribuída a Charles Perrault e foi baseado no conto popular italiano A Gata Borralheira. Nesta versão, o conto de fadas ganha também raízes brasileiras e muita força. Abioye, uma princesa africana escravizada em Vila Rica, enfrenta a dor da perda e os maus-tratos, sendo apelidada por suas irmãs de Cinderela por viver entre as cinzas. Mas a história dá uma volta por cima inspiradora: ela conhece Chico Rei, um homem que conquistou a própria liberdade e a de muitos outros. Ao se casarem, Abioye retoma sua dignidade e seu lugar como rainha, transformando o sofrimento em um final repleto de esperança e identidade.

Rapunzel e o Quibungo



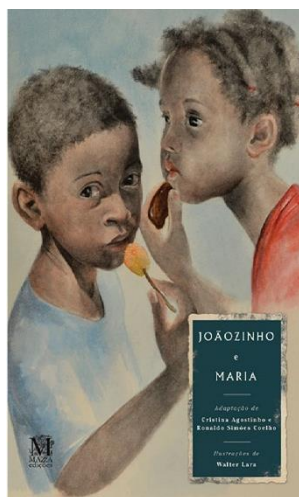
As crianças conhecem bem o clássico Rapunzel, mas nesta adaptação baiana cheia de identidade, o conto dos Grimm ganha um outro cenário: a Lagoa do Abaeté. Aqui, a Rapunzel de longos cabelos, é levada pelo Quibungo, uma figura mística que, fascinado por sua voz, a mantém em uma torre de bambu no topo de uma castanheira apenas para ouvi-la cantar. O príncipe Dakarai que por ali passava, é atraído pelo canto de Rapunzel e a conquista com gestos que celebram a natureza, como um cesto de frutas e um colar de sementes. Mesmo com a maldade do Quibungo, que faz Dakarai perder a visão, a coragem de Rapunzel prevalece: ela derrota o vilão e suas lágrimas de amor curam o príncipe. O final é simbólico e emocionante, com os dois partindo para viverem felizes junto ao povo de Dakarai.

A Pequena Sereia



Em A pequena Sereia, nossa protagonista morava com suas cinco irmãs, pai e avó na Gruta das Encantadas, na Ilha do Mel. Todas tinham muita curiosidade com o mundo dos humanos, por isso, o Rei dos Mares permitiu que, quando completassem 15 anos, as filhas visitassem o mundo fora da gruta. Depois que a sereia mais velha contou como foi a aventura, a caçula das irmãs conversou com a avó, pediu para o pai e conseguiu antecipar a sua visita, o que mudou seu destino completamente.

Joãozinho e Maria



Situado na Serra da Mantiqueira, o conto apresenta uma família negra em situação de pobreza extrema, cujas crianças são abandonadas pela madrasta na mata para que sobrasse mais alimento para ela. Após se perderem no Pico das Agulhas Negras devido ao milho comido por

pássaros, os irmãos encontram uma casa de doces brasileiros e são capturados por uma bruxa que tenta devorá-los. Maria utiliza sua astúcia para derrotar a vilã e libertar Joãozinho, fugindo até reencontrarem o pai. O desfecho revela que o pai se separou da madrasta e obteve emprego como guarda florestal, assegurando estabilidade financeira e um futuro feliz para a família.

É nítido como as histórias e a ilustração dessas releituras celebra a identidade negra e as riquezas naturais das regiões. Esse tipo de narrativa é transformador, pois permite que todas as crianças conheçam um novo olhar sobre a cultura negra e regional. Ao valorizar nossa cor, nossa fala e nossa terra, abrimos caminhos para que elas construam suas próprias vozes, baseadas no orgulho e em uma história de respeito. É importante o papel da literatura infantil para as crianças negras quando ela traz de maneira positiva personagens negros como protagonistas, funcionando como um espelho de afeto e orgulho.

Nos contos, se valoriza bastante a cultura popular local e dos marcadores étnico-raciais das crianças negras. Faz-se necessário ampliar o repertório dos livros infantis que “expressem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira” (CAVALLEIRO, 2001, p. 145). Como afirma Souza, Andrade e Pereira (2022), renovar os protagonistas das histórias permite questionar o ensino colonial que ainda persiste nas salas de aula.

Essas adaptações dos contos de fadas apresentadas pelos autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, da editora Mazza, traz a possibilidade da ampliação do repertório cultural das crianças, oferecendo histórias que exploram diferentes perspectivas, tradições e valores. Isso fomenta a empatia e a compreensão das complexidades da sociedade, incentivando diálogos sobre racismo, desigualdade e resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos ao longo dos encontros com as crianças do 3º Ano do Ensino Fundamental mostraram que ainda existe uma falta de diversidade relacionada aos livros no repertório cultural delas, principalmente no que se refere aos contos de fadas com personagens negros. Ao realizar uma curadoria cuidadosa dos livros, pensamos nas intervenções e estratégias adotadas para a realização de atividades envolvendo as crianças.

As leituras, primeiramente mediadas na sala de aula, foram organizadas como prática de incentivo, onde também não deixou de ser criativa quando fazemos a reflexão do que a história apresenta. Os livros de contos de fadas com protagonismo negro causaram impactos na desconstrução dos clássicos, onde as crianças observaram, questionaram e fizeram

comparações imediatas. Gomes (2013) destaca que, a inclusão de releituras sobre a África e a cultura afro-brasileira nas escolas transforma não apenas a percepção das crianças negras, mas causa mudança também nas crianças brancas.

A nossa pesquisa de campo foi feita em cinco encontros, cada um deles levando livros dos autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, sendo os destacados neste artigo: Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa, Cinderela e Chico Rei, Rapunzel e o Quibungo, A Pequena Sereia e Joãozinho e Maria. Para cada livro, falamos da importância de ver crianças e personagens negros nas histórias e o valor da identidade e autoestima, enfatizando os cenários da nossa cultura regional e local.

O que destacamos aqui, por ser um divisor de águas nesta pesquisa de campo, foi com o conto de Cinderela e Chico Rei no primeiro dia de pesquisa. A princípio, focamos no conceito de realeza e resistência negra no Brasil, onde as crianças apontaram as diferenças entre a princesa de conto de fadas e a força de Cinderela e Chico Rei no contexto da história Afro-Brasileira. A maioria perguntou sobre se era “copiar a história” e ao fazermos análise sobre isso, entendemos que não havia ainda essa ruptura de padrões e do conhecimento das possibilidades de releituras.

Souza, Andrade e Pereira (2022, p. 17) afirmam que, a literatura infantil que traz personagens negros como protagonistas “não pode ser direcionada apenas para as crianças negras se sentirem representadas e construir uma identidade positiva de si, mas as crianças brancas também, pois estas precisam ter uma formação da não superioridade dos grupos étnicos”.

Os encontros de mediação literária abriram caminho para o diálogo, onde as crianças alçaram suas visões e vozes, debatendo sobre como é importante desconstruir esses padrões de que as princesas têm que ser brancas, de olhos claros e loiras. Com as releituras, as crianças mostraram curiosidade e relataram que não sabiam que existiam esses livros.

A mediação cuidadosa gerou uma recepção positiva do livro Cinderela e Chico Rei, que proporcionou que algumas delas apontassem semelhanças não só com elas mesmas, mas também com pessoas que elas conhecem e falaram com firmeza como cada uma se sentiu. A atividade feita após a mediação do livro consistiu em dar destaque a coroa da realeza negra, onde as crianças criaram e decoraram vários tipos de coroas inspiradas nos elementos, cores e símbolos que observaram no livro.

Nos encontros posteriores, que funcionavam uma vez na semana, era feita essa mesma estrutura: o apreço ao livro, seguindo da mediação, conversas e propostas de atividade, sempre dando destaque as observações e relatos. Vimos como essas releituras dos clássicos atuaram de forma positiva por meio da mediação, incentivando na formação da identidade de cada criança, a autoestima e o protagonismo de suas falas.

No segundo encontro, trabalhamos o livro *A Pequena Sereia*. De início, enfatizamos que não foi possível conseguir o livro físico, mas apresentamos impresso para as crianças a capa do livro, de modo que, elas fizessem o apreço a cada detalhe. Logo depois, com o auxílio do professor da sala, colocamos na televisão um vídeo de uma pessoa mediando a história da *Pequena Sereia*.

Foi uma dinâmica diferente, em que o vídeo funcionou também para chamar atenção das crianças. Por ser um dia chuvoso, a maioria das crianças faltaram nesse encontro, então como atividade proposta, as crianças desenharam elementos do mar inspiradas pelo livro. No final da atividade, foi interessante observar como cada uma comparava a sereia do livro com a sereia do filme lançado em 2023 pela Disney protagonizado por uma atriz negra e, também, com a sereia do conto clássico. Foi interessante observar esse envolvimento, a curiosidade que se formou logo ao mostrar a capa do livro. As falas foram extremamente positivas como “as duas sereias são lindas”, “os cabelos delas são quase iguais e bonitos” e “amamos a história”.

No terceiro encontro com as crianças levamos o livro de *Joãozinho e Maria*. Fizemos primeiramente o apreço ao livro e toda sua estrutura e tivemos uma conversa sobre essa história antes de iniciar a mediação. Após finalizar a mediação, as crianças ressaltaram as cores que a história transmitia, com emoções, o medo da floresta, o calor e as frutas regionais. A atividade desenvolvida foi o desenho autoral, onde incentivamos às crianças a usar sua imaginação de como seria se elas estivessem na floresta, valorizando seus traços inspirados nos cenários ou os personagens dos livros. Finalizamos com uma apresentação das crianças de seus desenhos, onde relataram brevemente o que mais tinham gostado daquele encontro.

O penúltimo encontro foi com o livro de *Rapunzel e o Quibungo*. A mediação feita explorou as ilustrações marcantes. Houve uma recepção cheia de curiosidades, onde as crianças observaram as lindas tranças crespas da Rapunzel, a figura do Quibungo e como ele interagia com a protagonista. Neste encontro, pela otimização do tempo disponibilizado pelo professor, a atividade proposta foi uma roda de conversa, em que cada criança relatou suas impressões sobre o monstro e a inteligência da Rapunzel para lidar com ele. Buscou-se resgatar o que elas

já conheciam de seres fantásticos e valorizar a tradição afro-brasileira. Foi um encontro com opiniões ricas e conversas fascinantes.

No último encontro trabalhamos o livro da Chapeuzinho Vermelho e o Boto-cor-de-rosa. Assim como todos os livros, houve o apreço a capa e as ilustrações e após a mediação, as crianças observaram o cenário amazônico da narrativa. A troca do lobo pelo boto gerou risos e um imenso resgate das histórias que as próprias crianças já tinham ouvido alguma vez na vida de seus pais sobre o boto.

Ao finalizar a conversa, propomos uma atividade de dobradura, em que o boto-cor-de-rosa foi a principal escolha. Entregamos uma folha em branco e ensinamos o passo a passo. As crianças se envolveram e mostraram interesse ao aprender algo novo, onde se valorizou a história do livro e ajuda mútua entre elas. Finalizamos esse encontro ressaltando a importância das crianças para a nossa pesquisa, em como as releituras dos contos são uma riqueza para o diálogo e a imaginação de cada uma.

Acreditamos que a escola deve funcionar como um espaço impulsionador desses encontros e debates, no entanto, ainda é escassa de livros e diálogos com literaturas decoloniais. Souza, Andrade e Pereira (2022, p. 17) defendem que, “a escola continua sendo um espaço profícuo para a problematização das diferenças. Ela ainda pode construir novos olhares, novas narrativas e possibilitar a produção de subjetividades negras de forma positiva”.

A mediação do livro contribuiu para uma melhor compreensão das discussões propostas. As crianças se envolveram e se viram inspiradas, fazendo valer sua criatividade. Atividades de criar uma coroa da realeza, desenharem elas mesmas na floresta ou fazer dobraduras inspiradas nas releituras dos contos de fadas permitiram a ampliação do olhar de cada uma para as riquezas da cultura regional e local que os livros mostravam.

Considerando as explorações dessas obras com os protagonistas negros, abrimos espaço para que as crianças compartilhassem suas interpretações, incentivando um debate conjunto sobre diversidade e a reflexão sobre suas próprias características. É importante a colaboração para que momentos como estes sejam efetivos em sala de aula, onde o professor tenha um papel fundamental neste processo, atuando como mediador e incentivador de uma consciência mais ampla.

Ao estar na sala, o impacto foi saber que essa prática não era comum. Vimos como esse papel não era exercido. Mas também observamos que ao levarmos a mediação das releituras para as crianças, o professor foi se envolvendo e ampliando seu repertório. Fortes (2024, p. 31) afirma que, “o professor/a, sendo mediador/a no processo da aprendizagem do educando, torna-

se primordial que tenha conhecimento sobre a importância da leitura de obras com protagonismo negro em sala de aula”.

Partindo dessas falas, refletimos que nos cinco encontros com a pesquisa de campo realizados na turma do 3º ano do ensino fundamental, incentivamos a ampliação do debate e das percepções suscitadas a partir das obras literárias. A participação das crianças, a valorização que elas deram aos livros, assim como a criatividade nas suas produções baseadas nas histórias possibilitaram debates e aprendizagens. Fortes (2024) contribui destacando que, ao se ter contato com a literatura afro-brasileira, promove-se o crescimento da empatia, da autoconfiança e do repertório cultural, além de despertar o senso crítico das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa, buscamos incentivar reflexões sobre a maneira como os contos de fadas com protagonistas negros podem promover a importância da representatividade e do imaginário das crianças, o que é de suma importância para a formação da identidade. A literatura infantil é um universo fascinante e profundo. Por meio da leitura, as crianças conseguem perceber o mundo ao seu redor e serem críticos com os problemas existentes na nossa sociedade. Como já foi mencionado anteriormente, ao incluir personagens negros nos livros, há uma contribuição para a ampliação de repertório cultural, trazendo significados positivos para a autoestima, para a formação de repertórios e no combate ao preconceito.

Ao realizar a mediação dos livros infantis com personagens negros, rompemos esse padrão que só os clássicos com protagonistas brancos importam. A diversidade de livros presente nas releituras dos contos de fadas e valorização da importância das culturas afro-brasileira, regional e local são fundamentais para que as crianças se conheçam, vejam-se e se sintam representadas, crescendo como sujeitos de suas próprias histórias.

O diálogo também é um forte meio de construção de opiniões, identidade e senso crítico, sem esquecer que a família deveria também ser responsável por esta formação, devendo a escola dar continuidade com essa prática. Nos encontros, o diálogo estava bem estruturado, foi essencial ver como cada criança se mostrou curiosa e empática quando apresentado as releituras dos contos de fadas.

Contudo, a reflexão que fica é que ainda falta ampliar o trabalhar com obras de autoria e/ou protagonismo negro com as crianças, com a escola e com os professores. A pesquisa feita na escola, justamente sendo um lugar onde as crianças devem e podem ter contato com os livros

de literatura infantil, mostrou que ainda é pouca essa diversidade. Mediar as releituras dos livros de contos de fadas com personagens negros nos mostrou que a participação, as críticas e as curiosidades se deram de forma muito positiva e cheia de significados, revelando assim que a criança alcança a discussão proposta pelos autores. Além disso, é crucial enfatizar que os professores precisam planejar a organização, o tempo e os materiais para trabalhar com as obras literárias, especialmente quando se desenvolvem atividades em que o pensamento e a imaginação da criança são ampliados.

Assim, esperamos que esta pesquisa com literatura infantil, mediação literária e livros com personagens negros em contos de fadas ajude a ampliar o repertório das crianças, o debate sobre representatividade e o combate ao racismo. Concluímos que oferecer livros de literatura infantil com os clássicos na fase inicial da vida das crianças é um dos caminhos para uma educação emancipadora, que promove o respeito, a representatividade e a empatia.

REFERÊNCIAS

ANAYA, Juan Mata. **Mediação, leitura e literatura**. Revista da FUNDARTE. Montenegro, p.01-21, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.

ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na Literatura infantil**: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da Representação imagética de personagens Negros. Geledés: Instituto da Mulher Negra, São Paulo, 27 abr. 2013.

BATAUS, Vanessa. **Leitura, literatura infantil e estratégias de leitura no contexto escolar**: concepções e práticas. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. Literatura infantil. São Paulo: Edart, 1982.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUTRA, Aline da Silva; DEBUS, Eliane Santana Dias. O protagonismo negro nos contos de fadas modernos. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 17, p. 69-83, e-56432, 2019.

FORTES, Jeiciane Emanuele de Almada. **Literatura afro-brasileira na infância**: representatividade e valorização cultural na Educação Infantil. Monografia. Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Codó, 2024. 72 f.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.939/03. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs). **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIELB, Eliziane Gorete; SILVA, Ivone Maria Mendes. Contos de fadas na sala de aula: perspectivas de professoras atuantes na Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 34, p. e20200155, 2023. DOI: 10.1590/1980-6248-2020-0155. DOI: 10.5216/rpp.v17i1.56432.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.) **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LIMA, Michelle Castro; AZEVEDO, Raísa Cavalcante de. **Representatividade na Literatura Infantil:** uma análise da presença negra nas obras literárias do PNLD. *Lumen et Virtus*, v. 16, n. 52, 2025.

LOBATO, Ladyana dos Santos; SANTOS, Ana Rosa Pereira. **Personagens negros na literatura infantil: análise de o menino Nito, de Sonia Rosa.** In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 2012, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Editora, 2012.

NUNES, Myllena Rodrigues; GOMES, Priscila Silva. **A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens.** Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2014.

ORLANDO, Isabela Regina; LEITE, Sérgio Antonio Silva. **Formação de leitores:** a dimensão afetiva na mediação da família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 23, n. 3, p. 513-524, jul./set. 2018.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **A arte de ler:** ou como resistir à adversidade. Tradução de Mônica Magalhães. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária:** leitura e literatura na primeira infância. Tradução por Neusa Priscott. São Paulo: Global, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura em curso.** Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Edmacy Quirina de; ANDRADE, Fábio Santos de; PEREIRA, Reginaldo Santos. Literatura infantil e relações étnico-raciais: releituras decoloniais de contos clássicos com personagens negros. **Itinerarius Reflectionis**, v. 18, n. 3, 2022. p. 17.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 2003.